

# Cultura, Cidadania e Políticas Públicas 3

Alvaro Daniel Costa  
(Organizador)



 **Atena**  
Editora

Ano 2019

Alvaro Daniel Costa  
(Organizador)

Cultura, Cidadania  
e Políticas Públicas 3

Atena Editora  
2019



2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C968 Cultura, cidadania e políticas públicas 3 [recurso eletrônico] /  
Organizador Alvaro Daniel Costa. – Ponta Grossa (PR): Atena  
Editora, 2019. – (Cultura, cidadania e políticas públicas – v.3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-079-7

DOI 10.22533/at.ed.797192501

1. Educação – Brasil. 2. Cidadania. 3. Políticas públicas –  
Educação. 4. Prática de ensino. 5. Professores – Formação. I. Costa,  
Alvaro Daniel.

CDD 323.6

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de  
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos  
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A obra *“Cultura , Cidadania e Políticas Públicas”* possui uma série de 84 artigos que abordam os mais variados temas nas áreas relacionadas a área de Ciências Humanas, Sociais Aplicadas e Educação.

O volume I é intitulado “cultura, políticas públicas e sociais” e mostra a diversidade de análises científicas em assuntos que vão desde uma análise sociocultural perpassando pelas questões socioeconômicas da sociedade brasileira e latino-americana.

Já o volume II intitulado *“educação, inclusão e cidadania- práticas pedagógicas na cultura educacional”* é inteiro dedicado a área educacional, com textos de pesquisadores que falam sobre uma educação inclusiva em assuntos como autismo, formação profissional nas mais diversas áreas dentro do espectro educativo, além de uma análise sobre os impactos da reforma do ensino médio e sobre lo direito fundamental à educação.

No terceiro volume o assunto é no que tange as *“práticas educacionais, mídia e relação com as políticas públicas e cidadania”* sendo esse volume uma continuidade dos artigos da parte II com artigos que falam sobre práticas pedagógicas, além de textos que trazem sobre assuntos da área comunicacional.

A quarta e última parte é intitulada *“cultura, literatura, educação e políticas públicas- questões multidisciplinares”* e possui uma versatilidade temática que vai da área literária e novamente sobre algumas práticas pedagógicas.

A grande diversidade de artigos deste livro demonstra a importância da análise de temas que dialogam com as práticas de políticas públicas, sejam através da área educacional, comunicação ou aquelas que analisam a sociedade a partir de um viés histórico, cultural ou até mesmo econômico.

Boa leitura!

## SUMÁRIO

### ÁREA TEMÁTICA PRÁTICAS EDUCACIONAIS, MÍDIA E SUA RELAÇÃO COM AS POLÍTICAS PÚBLICAS E CIDADANIA

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
MARCOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL: O DELINEAMENTO DESTA TRAJETÓRIA	
Mariane Brito da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.7971925011	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>15</b>
ENTRE 1988 E 2018: TESSITURAS ANALÍTICAS POLÍTICO-CONSTITUCIONAIS EDUCATIVAS	
Diego Dias Salgado	
DOI 10.22533/at.ed.7971925012	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>25</b>
DARWINISMO PEDAGÓGICO	
Vicente de Paulo Morais Junior	
DOI 10.22533/at.ed.7971925013	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>33</b>
O USO DOS JOGOS INTERDISCIPLINARES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA O DESENVOLVIMENTO DO RACIOCÍNIO LÓGICO DE ALUNOS DO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
João Augusto Galvão Rosa Costa	
Olga Teixeira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.7971925014	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>46</b>
INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS PARA ANÁLISE DE CONTEÚDO DE PESQUISA: MAPA CONCEITUAL, ENDNOTE E ATLAS.TI FORMAS E USOS	
Adriane Matos de Araujo	
DOI 10.22533/at.ed.7971925015	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>55</b>
ENSINO DA SOCIOLOGIA E JOGOS DIDÁTICOS: SEU EMPREGO COMO ESTRATÉGIA DE MEDIAÇÃO	
Elisabete Cristina Cruvello da Silveira	
Natalia Silva Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.7971925016	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>65</b>
PERSPECTIVAS PARA A VIDA ADULTA DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA NO COTIDIANO DA ESCOLA CONTEMPORÂNEA	
Annie Gomes Redig	
Cristina Angélica Aquino de Carvalho Mascaro	
Vanessa Cabral da Silva Pinheiro	
Vanêssa Lima do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.7971925017	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>76</b>
ESCOLA: RELATOS DE JOVENS E ADULTOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	
<a href="#">Amanda Carlou</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7971925018</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>81</b>
ENTRE O FORMAL E O NÃO-FORMAL – ESPAÇOS ONDE A EDUCAÇÃO POPULAR PODE (E DEVE) ATUAR. E, PARA COMEÇAR, PORQUE NÃO JÁ NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS?	
<a href="#">Noelia Rodrigues Pereira Rego</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7971925019</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>93</b>
A LINGUAGEM COM AS CRIANÇAS NA ALFABETIZAÇÃO: ENTRE O PROPOSTO E O REAL	
<a href="#">Geisi dos Santos Nicolau</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.79719250110</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>104</b>
O ENSINO DO IDIOMA PORTUGUÊS PARA MILITARES ESTRANGEIROS COMO SEGUNDA LÍNGUA ATRAVÉS DE ELEMENTOS LINGUÍSTICOS CULTURAIS	
<a href="#">Janiara de Lima Medeiros</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.79719250111</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>119</b>
A CONTRIBUIÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA PARA A MELHOR COMPREENSÃO DO ESPAÇO ESCOLAR NOS ANOS INICIAIS DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFF	
<a href="#">Giulia Gonçalves Arigoni Nicacio</a>	
<a href="#">Jéssica Cardoso Martins</a>	
<a href="#">Juliana de Oliveira Borges</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.79719250112</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>129</b>
REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE E A MEDIAÇÃO ESCOLAR NO PROCESSO INCLUSIVO	
<a href="#">Elisângela Matos Oliveira de Souza</a>	
<a href="#">Ana Luiza Barcelos Ribeiro</a>	
<a href="#">Nadir Francisca Sant'Anna</a>	
<a href="#">Bianka Pires André</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.79719250113</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>142</b>
TEATRO COMO PRÁTICA PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA	
<a href="#">Vinícius Borovoy Sant'ana</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.79719250114</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>151</b>
FERRAMENTAS DO GEOPROCESSAMENTO NO ENSINO INTERDISCIPLINAR DA GEOGRAFIA E MATEMÁTICA	
<a href="#">Rosane Vieira da Silva</a>	
<a href="#">Elisandra Hernandez da Fonseca</a>	
<a href="#">Angélica Cirolini</a>	
<a href="#">Alexandre Felipe Bruch</a>	
<a href="#">Suyane Gonçalves Campos</a>	

Fernanda Luz de Freitas

DOI 10.22533/at.ed.79719250115

**CAPÍTULO 16 ..... 158**

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: LIMITES, DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA A PRÁTICA DOCENTE

Carine Silvestrine Sena Lima da Silva

Flavia Melo de Castro

DOI 10.22533/at.ed.79719250116

**CAPÍTULO 17 ..... 163**

POLÍTICAS DE CULTURA E DE COMUNICAÇÃO PARA O AUDIOVISUAL: UM “ESTADO DA ARTE” SOBRE A SECRETARIA DO AUDIOVISUAL DO MINISTÉRIO DA CULTURA

Marize Torres Magalhães

DOI 10.22533/at.ed.79719250117

**CAPÍTULO 18 ..... 175**

O AUDIOVISUAL E A PRODUÇÃO INDEPENDENTE PARA TELEVISÃO NO BRASIL

Natacha Stefanini Canesso

Fábio Almeida Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.79719250118

**CAPÍTULO 19 ..... 185**

LÓGICAS DA MÍDIA / LÓGICAS DOS PROCESSOS SOCIAIS: O RECONHECIMENTO DO TELEJORNALISMO PELOS PENTECOSTAIS

Catiane Rocha Passos de Souza

DOI 10.22533/at.ed.79719250119

**CAPÍTULO 20 ..... 197**

O CINEMA BRASILEIRO EM SEU PRÓPRIO MERCADO

Filipe Brito Gama

DOI 10.22533/at.ed.79719250120

**CAPÍTULO 21 ..... 209**

DA FÉ MEDIADA AO FIEL MEDIATIZADO: UBIQUIDADE COMUNICACIONAL NAS ROMARIAS DE JUAZEIRO DO NORTE

Ivan Satuf

Cícero Rodrigo Alves Dias

José Everson Ferreira Silva

DOI 10.22533/at.ed.79719250121

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 222**

**Vicente de Paulo Morais Junior**

Universidade Metodista de São Paulo  
(UMESP/SP)

**RESUMO:** O presente trabalho investiga a relação direta entre cultura escolar, práticas pedagógicas e darwinismo. Utilizou-se da pesquisa bibliográfica, tendo como suporte central “A origem das espécies”, de Charles Darwin. Para estabelecer uma conexão entre o objeto central de pesquisa e a obra acima citada, houve a necessidade de discutir a relação entre ciências da natureza e ciências humanas. Foi possível estabelecer uma conexão entre as teorias de Charles Darwin e a cultura escolar e práticas escolares. Essa relação tem como produto o que foi denominado como Darwinismo Pedagógico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cotidiano escolar; Cultura escolar; Práticas escolares; Darwinismo Pedagógico.

**ABSTRACT:** The present work investigates the direct relationship among school culture, pedagogic practices and Darwinism. It was used of the bibliographical research, tends as central support “The origin of the species”, of Charles Darwin. To establish a connection above between the central object of research

and the work mentioned, there was a need to discuss the relationship between the sciences of the nature and the humanities. It was possible to establish a connection between Charles Darwin’s theories and school and practical culture school. This relationship has as product what was denominated Pedagogic Darwinism.

**KEYWORDS:** Daily school; School culture; School practices; Pedagogic Darwinism.

### 1 | INTRODUÇÃO

Ao iniciarmos uma discussão que envolve ciências sociais e ciências da natureza, torna-se de fundamental importância estabelecer um rigor metodológico, que a priori tem como principal preocupação a conversão de fatores, sejam eles quantitativos ou qualitativos, de ambas as ciências, em fatores comuns às duas ciências (“mesmos pesos para as mesmas medidas”).

Nessa perspectiva, torna-se por oportuno destacar a inquestionabilidade da contribuição que Charles Darwin proporcionou à comunidade científica com a publicação de “A origem das espécies”, em 1859. Os estudos de Charles Darwin contribuíram não só na Biologia, sendo a base da Biologia Moderna (NOGUEIRA, 2009, p. 19) mas, em um conjunto de visões e



interpretações a respeito das formas de vida. Mesquita menciona que “Darwin mudou o pensamento moderno em geral” (2009, p. 9).

A partir das teorias de Charles Darwin, a ideia de “Darwinismo” contribuiu para várias áreas. “Outros darwinismo” surgiram!

Conforme Toledo, a ideia de levar o Darwinismo a outras áreas não é nova, evidenciando que a luta pela existência está relacionada tanto ao mundo físico quanto ao mundo intelectual (2009, p. 255).

Importante ressaltar, que conforme Bizzo, o Darwinismo de Darwin não pode ser interpretado e restringido apenas à ideia de Seleção Natural. Esta se realizada, seria uma simplificação deformada de um conjunto de teorias complexas (1991, p. 37 -8). Analisar o Darwinismo como sinônimo exclusivo de “seleção natural”, já é tratar de forma simplista um conjunto de teorias, e ainda relacioná-lo exclusivamente à “luta pelos mais fortes” é no mínimo irresponsável (BIZZO, 1991).

Ao mencionar Greene, Bizzo aponta 06 (seis) possíveis formas de “enquadrar” o Darwinismo: a) Teoria da Evolução; b) Teoria da Evolução Orgânica por através de variação aleatória, luta pela existência e seleção natural; c) Teoria da seleção natural versus teorias rivais que se valiam da herança das características adquiridas; d) Filosofia da ciência; e) Darwinismo social; f) Visão de mundo (1991, p. 40-1). A partir da preocupação de Bizzo em elencar as formas possíveis de ver e analisar o Darwinismo a partir de Greene, aqui teremos como base o darwinismo a partir de uma combinação entre Teoria da Evolução com base na luta pela existência e seleção natural, filosofia da ciência e visão de mundo. Serão esses os três pilares que darão sustentação ao darwinismo aqui utilizado como base científica.

A relação com a filosofia da ciência estará posta pois, a partir dessa linha, pode-se utilizar o darwinismo como meio de observar, de forma direta, determinados fenômenos, fatos, teorias e métodos.

A visão de mundo será utilizada no sentido de ter as teorias de Charles Darwin não à sua área de origem e, sim, de tê-la ampliada a outras vertentes da ciência. Essa visão de mundo está dentro daquilo que Fernandes (2010) e Azanha (1990-91) definem como cultura escolar. Conforme Fernandes, a cultura escolar define-se nos papéis, normas, rotinas e ritos próprios da escola (2010, p. 888). Alinhado ao mencionado por Fernandes, Azanha define explica “práticas escolares” e os seus correlatos como as mentalidades, discursos, procedimentos, hábitos, atitudes, regulamentações, “resultados escolares”, entre outros, que atuam no espaço escolar (1990-91, p. 65-6).

Por fim, a relação teórica metodológica dos conceitos e definições que Charles Darwin traz em relação à luta pela existência e seleção natural, a partir da evolução das espécies, não tem a intenção de trazer um “novo darwinismo”. A análise teórica metodológica aqui realizada em relação ao Darwinismo tem a preocupação de aproximar essa teoria ao rico e complexo cotidiano escolar.

## 2 | UM RELAÇÃO ENTRE DARWINISMO ÀS PRÁTICAS ESCOLARES E À CULTURA ESCOLAR

Vamos embarcar no H.M.S. Beagle, “emadairado” pelas teorias de Charles Darwin, rumo às práticas escolares e à cultura escolar.

A priori destaca-se a máxima de Piaget quando esse evidencia em suas pesquisas que todos são capazes de aprender. Assim, logo conseguimos estabelecer relação direta com Darwin, pois “Como o professor Owen observou, não há maior anomalia na natureza do que um pássaro não poder voar, embora ainda haja muitos nesse estado.” (DARWIN, 2014, p. 164). Para tanto, existe a necessidade dos sistemas de ensino em consonância com a escola proporcionar meios para que de fato todos possam aprender. Corroborando com a linha proposta, Darwin ainda aponta:

Nesse caso é possível ver com clareza que, se quisermos, de forma ideal, dar à planta o poder de aumentar em número, devemos oferecer-lhe alguma vantagem sobre os seus competidores, ou sobre os animais que a atacam como presa. (2014, p. 107).

Nessa perspectiva de “divisão” entre os que aprendem e os que não aprender, o fracasso escolar vai tomando o seu aspecto, porém sem “forma” ou “responsáveis”. Nessa “divisão”, os profissionais da educação, dentro e fora da escola vão conscientes ou inconscientemente, desenvolvendo uma postura onde “há uma preocupação constante com o aluno que é ativo e falante e uma busca pelo aluno ideal: quieto e respeitador de regras.” (PARO, 2003, p. 123).

Estabelecendo uma relação com a linha de Darwin:

Hoje em dia, criadores eminentes tentam por seleção metódica, com um objetivo determinado, criar uma nova casta ou sub-raça superior a qualquer classe que exista no país. Mas, para o nosso propósito, uma forma de seleção, que pode ser chamada de inconsciente e que resulta da tentativa de cada um possuir e criar os melhores animais, é mais importante. Assim, quem tem a intenção de criar pointers, é natural que tente conseguir os melhores cães que puder e, em seguida, os reproduza, porém sem o desejo ou a expectativa de alterar a raça de forma permanente. (2014, p. 61-2).

Esse movimento de “busca do Graal” faz uso da retenção/reprovação como ferramenta legitimadora. Para tanto:

Outros depoimentos atribuíram a existência da reprovação escolar ao fato de a escola precisar, para realizar o processo educativo, agrupar os alunos de acordo com o desempenho que eles apresentam a cada ano letivo.” (JACOMINI, 2010, p. 900).

A partir do exposto, podemos concluir que os profissionais acima citados, vão, aos poucos, criando ou valorizando os ditos “bons” alunos ou alunos “ideais”. Esse movimento em prol do fracasso é retro alimentador do próprio fracasso. Isso gera uma discrepância entre os alunos, que, por sua vez, faz com que a diferença no aprendizado e no atendimento, aumente de forma significativa.

Em “busca do Graal”, do “aluno ideal”, os profissionais da educação vão rotulando

a “espécie incipiente” (DARWIN, 2014, p. 83). Incipiente, pois esta irá, conforme avançam os anos, ser a maioria no interior da escola.

Outra relação que podemos estabelecer é o que Darwin traz como “monstruosidade”, apontando:

Por monstruosidade suponho que se entende alguma considerável anomalia de conformação, geralmente prejudicial ou inútil para a espécie. (2009, p. 48).

Nota-se que, os profissionais da educação, a partir de fracassos individuais no interior da escola, que somatizados se transformam em fracasso coletivo, identificam as “monstruosidades”, e evidenciam que esses alunos, passam a serem prejudiciais aos demais alunos.

Essa identificação e rotulação da monstruosidade têm como próxima etapa a extinção. Darwin aponta que a seleção natural ocasionará, impreterivelmente, a extinção (2009, p. 118). O referido autor ainda aponta que:

A teoria da seleção natural é baseada na certeza de que cada nova variedade e cada nova espécie são produzidas e se mantêm por apresentar alguma vantagem sobre aquelas com as quais entram em competição; e a extinção das formas menos dotadas inevitavelmente acontece. (DARWIN, 2014, p. 396-7).

A identificação das monstruosidades cega a possibilidade de observação das diferenças. Exemplificando, Darwin aponta que:

A única diferença entre os organismos que por ano produzem ovos e sementes aos milhares e os que produzem quantidades muito menores é que os mais vagarosos necessitarão de um tempo maior e de condições favoráveis para ocupar um distrito inteiro, por mais extenso que seja. O condor põe dois ovos e o avestruz põe muitos, e, contudo, na mesma área, o condor pode ser o mais numeroso dos dois.” (2014, p. 96).

A transposição da extinção proposta por Darwin e a escola chama-se evasão. A partir da discrepância crescente, reafirmada pelos profissionais da educação, o processo de extinção dos alunos rotulados como monstruosidade, findará na evasão.

Vale ressaltar que existe um movimento cíclico e cumulativo nesse processo de evasão/extinção, na qual a responsabilização do fracasso ao aluno surge a partir da rotulação das monstruosidades.

Além disso, Darwin faz questão de enfatizar que “A seleção natural não produzirá a perfeição absoluta (...)” (2014, p. 233). Logo, torna-se evidente que propor uma “pseudo saída” ao fracasso escolar através do darwinismo pedagógico, não surtirá efeito.

A partir de então, torna-se necessária a discussão em relação à proposta de Darwin para a seleção natural. Inicialmente o biólogo traz:

Chamei de seleção natural o princípio de preservação ou de sobrevivência do mais apto. Ele conduz ao aperfeiçoamento de cada criatura em relação às condições orgânicas e inorgânicas de vida; e em consequência, na maioria dos casos ao que deve ser considerado como avanço da organização. (DARWIN, 2014, p. 158).

Darwin ainda define:

A essa preservação das diferenças individuais favoráveis e das variações e à destruição daqueles que são prejudiciais dei o nome de Seleção Natural ou Sobrevivência dos Mais Aptos . (2014, p. 110).

**Uma primeira relação proposta para o(s) conceito (s) de seleção natural de Darwin e a cultura escolar e práticas escolares é que:**

Na escola aprende-se a estar constantemente preparado para ser medido, classificado e rotulado; a aceitar que todas nossas ações e omissões sejam suscetíveis de ser incorporadas ao nosso registro pessoal; a aceitar ser objeto de avaliação e inclusive a desejá-la'. (ENGUIITA apud JACOMINI, 2010, p. 916).

**Mainardes aponta:**

A escola, segundo ele, aceita a reprovação pelas seguintes razões: a) a escola foi tradicionalmente uma instituição seletiva; b) admite-se que as classes devem ser homogêneas e c) acredita-se que o castigo e o prêmio sejam formas de provocar ou acelerar a aprendizagem. (LEITE, apud MAINARDES, 1998, p. 19).

**Vitor Henrique Paro também dá pistas sobre a seleção natural, por conseguinte, o darwinismo pedagógico, ao trazer o depoimento de uma das pesquisas:**

Você não foi considerado apto, por isso não será 'normalmente' aprovado; mas você também não será reprovado; você terá o consolo de um processo de recuperação. – trecho do depoimento de uma professora (PARO, 2003, p. 137).

**Finalizando um leque legitimador de ideários em relação ao darwinismo pedagógico, Jacomini aponta que:**

Assim, ao continuar selecionando os que melhor respondem às suas exigências, seja pela reprovação, seja por não garantir os meios para todos aprenderem, a escola legitima a exclusão escolar e social por meio do chamado 'mérito'. (2010, p. 911).

**Esse processo de seleção natural no cotidiano escolar, ilustrada pelo processo de reprovação, legitimando então o darwinismo pedagógico, fica evidente quando Jacomini traz que:**

Assim, embora a reprovação seja uma medida política e pedagógica construída pela escola para responder a uma forma de organização do ensino e à seleção dos mais aptos, ela se torna tão naturalizada aos olhos dos atores educacionais e da população que passa a ser concebida como algo inerente ao processo de ensino e de aprendizagem escolar. (2010, p. 912).

Fica evidente que, a partir do(s) conceito(s) de seleção natural proposto por Darwin, podemos, tendo como base Jacomini (2010), Paro (2003) e Mainardes (1998) apontar que no cotidiano escolar e sua cultura e práticas escolares existe um darwinismo pedagógico, onde não fadaria ao fracasso aquele que se adaptasse ao sistema, não necessariamente os ditos “mais inteligentes”. Por sua vez, aqueles que não se adaptassem ao sistema seriam incipientes, logo rotulados como monstruosidades. Dessa forma, estes passariam a “fazer mal” aos demais, ditos “mais inteligentes”, legitimando um processo natural e intencional de extinção/evasão.

Desse modo, vislumbra-se que:

Assim, a escola passou a selecionar quem respondia de forma adequada aos padrões educacionais exigidos. Essa seleção ocorria, em primeiro lugar, pela limitação de vagas e, em segundo, pela reprovação daqueles que não respondiam a contento aos objetivos estabelecidos pela escola. Dessa forma, os que permaneciam eram os mais adaptados a esses propósitos, e não necessariamente os mais inteligentes e capazes. (JACOMINI, 2009, p. 560).

**O darwinismo pedagógico é tão voraz, que conforme vão passando etapas, mais condicionados ou adaptados os alunos vão ficando. Para tanto:**

A seleção natural atua somente pela preservação e acumulação de variações benéficas segundo as condições orgânicas e inorgânicas as quais cada criatura é exposta em todos os períodos da vida. O resultado final é que cada criatura tende a se tornar cada vez mais aperfeiçoada em relação às suas condições.” (DARWIN, 2014, p. 151).

Aqui fica evidente que, conforme vão passando séries/anos, e a evasão/extinção vai aumentando, já que o grau de adaptabilidade, ou grau de condicionamento, tende a crescer.

Traçando um paralelo da cultura escolar e as práticas escolares, com o(s) conceito(s) de seleção natural de Darwin, deve-se ressaltar que, tal processo, os alunos não podem “exclusivamente” serem responsabilizados. Para tanto, Darwin aponta que na seleção natural uma espécie não irá tirar proveito da outra (2009, p. 180), logo um aluno não irá tirar proveito do outro. Darwin faz questão de apontar que a seleção natural vem do movimento geral da natureza (2009, p. 180), portanto, o darwinismo pedagógico vem do movimento geral da cultura escolar e as práticas escolares.

Esse movimento da natureza, da cultura e práticas escolares, torna-se evidente quando Darwin exemplifica o processo de seleção natural apontando:

Pode-se dizer que dois animais caninos, em tempos de fome, lutam na realidade entre si para determinar qual terá o alimento e a vida. Mas uma planta na beira de um deserto luta pela vida contra a seca, embora fosse mais apropriado dizer que ela é dependente de umidade. Pode-se também dizer que uma planta que produz por ano milhares de sementes, das quais somente uma chega à maturidade, está sem dúvida lutando contra as plantas da mesma espécie e as plantas de outras espécies que já cobrem o solo. O visco é dependente da macieira e de algumas outras árvores, mas é apenas em um sentido figurado que se pode dizer que luta contra essas árvores, porque se muitos desses parasitas crescerem sobre uma delas, ela irá definhando e morrer. Mas, se várias mudas de visco crescem juntas no mesmo ramo, pode-se dizer verdadeiramente que lutam entre si. Como as sementes do visco são disseminadas pelos pássaros, sua existência depende deles; e pode-se dizer, usando uma metáfora, que ele luta contra árvores frutíferas na tentativa de atrair pássaros para devorar suas sementes e assim disseminá-las. Nesses vários sentidos que se entrelaçam é que uso, por conveniência, o termo Luta pela Existência. (2014, p. 93-4).

Darwin ainda aponta que, não existe o ideário de vitória na luta pela existência (2014, p. 106) já que o movimento é global e não individual. Ou seja, podemos afirmar que, a partir do darwinismo pedagógico, o fracasso escolar se distancia do aluno e se aproxima de algo macro, seja dos profissionais da educação, seja das políticas públicas.

Vale ressaltar que todo esse processo perverso de darwinismo pedagógico é



pouco notado, já que da mesma que na natureza Darwin admite “(...) que a seleção natural, de um modo geral, age com extrema lentidão.” (2014, p. 136). E ainda complementa:

(...) pois a seleção natural atua apenas tirando vantagem de pequenas variações sucessivas; jamais dá um salto grande e súbito, mas avança por meio de passos curtos e seguros, embora lentos. (DARWIN, 2014, p. 225).

Desta forma, a perversidade do darwinismo pedagógico vai passar despercebida, já que, conforme Darwin:

Mudanças lentas e imperceptíveis dessa natureza podem passar despercebidas a menos que tenham sido tomadas medidas ou feito desenhos minuciosos para servir de termo de comparação. (2014, p. 62).

A partir do momento que não se consegue identificar o darwinismo pedagógico, logo se evidencia um fracasso escolar global na cultura escolar e nas práticas escolares, conforme Darwin “(...) não podemos reconhecer – e, portanto não conheçamos – o tronco primitivo silvestre das plantas cultivadas há muito em nossos jardins e hortas.” (2009, p. 41).

### 3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio a todo esse movimento do cotidiano escolar, com sua cultura e práticas, o darwinismo pedagógico dá a falsa impressão de fracasso individual e ora mascara, ora camufla um fracasso da estrutura. Mesmo se “auto-corroendo”, essa estrutura se mantém sólida. Além disso, todo o movimento proporcionado pelo darwinismo pedagógico é silencioso e com suporte da meritocracia. . Complementando, Darwin aponta:

Metaforicamente pode-se dizer que a seleção natural procura a cada dia, momento, em todo lugar, as mais tênues variações, rejeitando as nocivas, conservando e ampliando todas as que forem úteis, trabalhando silenciosa e imperceptivelmente, quando e onde quer que se ofereça oportunidade, (...) (2009, p. 81) [grifos do tradutor].

Por fim, a discussão e conceituação ao que denominei como darwinismo pedagógico, mostra-se fiel e determinante a cultura escolar e práticas escolares. A seletividade e a “sobrevivência” daqueles que mais se adaptam ao sistema escolar reforçam que no cotidiano escolar “sobrevive” não necessariamente aos que “aprendem mais”, mas sim que de adapta a cultura e prática escolar. Nesse movimento nocivo, os profissionais da educação incorporam tal prática, de forma consciente ou inconsciente. O reflexo dessa incorporação é o retro alimentador do próprio darwinismo pedagógico.

Existem muitos demônios ainda a exorcizar! (FISCHMANN, 1990).

## REFERÊNCIAS

- AZANHA, José Mario Pires. **Cultura Escolar: um programa de pesquisas.** Revista USP, São Paulo, dez./jan./fev., 1990-1991.
- BIZZO, Nélío Marco Vincenzo. **O que é darwinismo.**, 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989 (Coleção Primeiros Passos, 192).
- \_\_\_\_\_. **Ensino de Evolução e História do Darwinismo.**, 1991,. 467p. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.
- DARWIN, Charles. **A origem das espécies.** Traduzido por André Carlos Mesquita. São Paulo: Editora Escala, 2009.
- \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Traduzido por Carlos Duarte e Anna Duarte. São Paulo: Martin Claret, 2014.
- FERNANDES, Claudia de Oliveira. **A necessária superação da dicotomia no debate séries-ciclos na escola obrigatória.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 40, n. 141, set./dez. 2010.
- FISCHMANN, Roseli. **Vida e Identidade da escola pública (um estudo preliminar da resistência à mudança na burocracia estatal no Estado de São Paulo)**,. 1990., 222p. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1990.
- JACOMINI, Marcia Aparecida. **Educar sem reprovar: desafio de uma escola para todos.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 35, n. 3, set./dez., 2009.
- \_\_\_\_\_. **Por que a maioria dos pais e alunos defende a reprovação.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 40, n. 141, set./dez. 2010.
- MAINARDES, Jefferson. **A promoção automática em questão: argumentos, implicações e possibilidades.** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 79, n. 192, mai./ago., 1998.
- NOGUEIRA, Pablo. **O que nem Darwin imaginava.** Revista UNESP Ciência, São Paulo, ano I, n. 3, nov./2009.
- PARO, Vitor Henrique. **Reprovação Escolar: renúncia à educação.**, 2. ed. São Paulo: Xamã, 2003.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as Ciências na transição para um a ciência pós-moderna.** Estudos Avançados, São Paulo, vol. 2, agos. 1988.
- TOLEDO, Gustavo Leal. **Dawkins, Dennett e as tentativas de universalização do darwinismo.** Revista Brasileira de História da Ciência, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, jul. / dez. 2009.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-079-7

